

A VOZ de MELGAÇO

Proprietários: A. LUÍS VAZ e JÚLIO H. VAZ

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector: CARLOS NUNO VAZ

Redacção e Administração: Largo da Senhora - a - Branca, 105 - BRAGA



ANO XXX - N.º 569 - Melgaço, 1 de Agosto de 1975



Tip. Augusto Costa & C.ª, L.da - Telex. 22455 - Braga

A propósito da demissão da Comissão Administrativa da Câmara

Não sabemos se os melgacenses se aperceberam bem do que significam para o Concelho as razões que a Comissão Administrativa da Câmara apresentou para se demitir.

A primeira foi a rejeição pelo Ministério das Finanças da concessão da verba de 5 mil contos para pagar as dívidas da Câmara anterior, da presidência do dr. Sidónio.

A má administração do dr. Sidónio, que aguarda, para bem da verdade e da justiça, o respectivo inquérito oficial, já pedido e ainda não concretizado, tornou impossível, fazerem-se obras em Melgaço nos próximos anos.

O país está em caos económico, o Governo não tem dinheiro, e o Concelho não tem possibilidades.

Com um débito de 5 mil contos a pagar, com obras feitas que não rendem economicamente, que podem fazer os homens da Comissão Administrativa!

É, até, possível que os responsáveis deste caos local se regozijem com a obra valorosa, com que impediram o progresso de Melgaço nos próximos anos.

«A Voz de Melgaço», preveniu, avisou, e denunciou. Não queríamos que os factos nos dessem razão, porque quem sofre é a terra e as suas gentes.

* * *

A segunda razão pela qual a Comissão Administrativa se demitiu, foi o facto de o inquérito pedido à Câmara demitida pelo «25 de Abril» ainda se não ter feito.

Dizem-nos que o Governador Civil do Distrito incumbira o Dr. António Durães, e este nobre cavalheiro se recusara a fazê-lo por se considerar «suspeito». Exigiu, pois, que viesse alguém do Ministério.

Não podemos fazer confrontos entre o Dr. Durães e o dr. Sidónio, pois ofenderíamos o Dr. Durães. Registamos, no entanto, dois factos: o Dr. António Durães recusou-se a fazer o inquérito ao seu antecessor; o dr. Sidónio tomou a iniciativa de fazer o inquérito ao antecessor, prof. Manuel Rodrigues, sendo, até, inimigo destel...

Ora o inquérito à Câmara e ao Chefe da Secretaria impõem-se para prestígio da função, dignificação da administração, e como resposta democrática ao povo melgacense, que tem direito a saber oficialmente o que se passou.

Compreendemos facilmente que o Ministério da Administração Interna tenha muitos casos a inquirir. Mas o que não pode é neste momento da revolução cooperar na abertura de crises políticas locais que vão reflectir-se na própria força revolucionária e na eficácia da revolução.

Afinal o castigado, embora involuntariamente, é o povo de Melgaço que não tem culpas na má administração do dr. Sidónio, a não ser na medida em que lhe tolerou o exercício da função sem os protestos que se impunham.

Aliás, é tão indulgente e bom o povo de Melgaço que ainda tolera que o campo de futebol tenha o nome do dr. Sidónio!...

JÚLIO VAZ

Casa de Melgaço em Braga

Reuniu, mais uma vez, a Comissão Organizadora da «Casa de Melgaço» em Braga.

Verificou que é necessário adquirir um imóvel para nele instalar a «Casa de Melgaço».

Pensando que na aquisição do imóvel estão interessados todos os Melgacenses, decidiram conceder, a todos os que o pretendam as facilidades necessárias.

Todos os que concorrerem com meios financeiros serão proprietários do imóvel, e tal oportunidade se oferece a qualquer Melgacense onde quer que viva: em Melgaço, no País ou no Estrangeiro.

Explicação insuficiente

O Programa do Movimento das Forças Armadas prometeu aos Portugueses a instauração das liberdades que, de há muito, não conheciam. Vozes responsáveis dos órgãos de soberania instituídos não se têm cansado de proclamar que estará sempre assegurado em Portugal um sistema pluralista, como garantia de uma verdadeira democracia e de uma autêntica liberdade; vozes que se têm feito ouvir para animoso empenhamento de todos os portugueses no processo revolucionário e para a tranquilidade de vizinhos e antigos aliados fora de portas da Casa Lusitana. Foi expressamente dito que «o MFA já demonstrou, e as últimas elei-

ções realizadas são disso a prova evidente, que nunca consentirá na instituição de novo sistema ditatorial em Portugal».

A LINGUAGEM DOS FACTOS

Muitos ao invés de tais declarações, alguns factos têm sido constatados, os quais de modo nenhum estão na linha das promessas feitas e dos compromissos tomados. Realizadas as eleições, com os resultados que se sabem e que certamente não constituíram nem tinham de constituir decepção para ninguém, logo se começou a minimizar o papel dos partidos e, em consequência, a mesma significação da vontade popular expressa; o monolitismo dos grandes órgãos de informação (TV, rádio, os grandes jornais diários), pagos por todo o povo, mas a servirem exclusiva e notoriamente apenas o ideário do Partido Comunista, e ainda os assaltos ideológicos aos poucos que tinham condições para irem ficando independentes, mostram o desinteresse pela livre expressão de pensamento, que praticamente mal existe, as peripécias com a comissão encarregada de extinguir as organizações fascistas têm sido de molde a lançar a dúvida sobre se na verdade se pretende algo mais do que apagar da memória e da cena portuguesa os resquícios de tão abomináveis instituições; a existência de tantos presos políticos, há mais de um ano sem culpa formada e sem sequer serem ouvidos, a suficiência de uma simples de-

(Continua na 4.ª página)

Portugal enerva círculos da OTAN

Retirada da aliança e pacto com Moscou?

A decidida guinada para a esquerda em Portugal depois do uesto golpe de Spínola e do concomitante crescimento da influência dos comunistas sobre os detentores locais do poder militar, levanta forçosamente a questão das possíveis consequências internacionais dessa evolução. Tem-se presente a posição-chave do país no aspecto geopolítico, especialmente a de suas ilhas como postos avançados. Os políticos da OTAN (e naturalmente mais ainda os militares da OTAN) devem sentir algum mal-estar com a hipótese de que os portos na orla atlântica ocidental do continente europeu bem como as bases aéreas da Madeira e Açores poderiam passar para o controle de um governo comunista ou, em todo caso de inspiração comunista, em Lisboa.

Que será da base aérea das Lajes?

Os americanos temem sobretudo a sorte da base aérea das

Lajes na ilha dos Açores, cuja eminente importância estratégica ficou provada há apenas um ano e meio, quando todo o reabastecimento aéreo a Israel, durante a guerra de Outubro no Oriente Médio, passou por essa estação intermediária. Mas os generais e comandantes do Ocidente ficam realmente extremamente nervosos ao terem de recear que futuramente não apenas lhes seja recusado o acesso a essas pontes entre o velho e o novo mundo, mas que possivelmente até a União Soviética possa aninhar-se lá em seu lugar.

Segundo as últimas informações, Moscou teria lançado seu olhar sobre a ilha da Madeira e estaria empenhada em obter direitos de abordagem para sua frota pesqueira na ilha turística do Atlântico. Ninguém tem dúvidas de que esta frota terá pelo menos o mesmo zelo para colher informações militares sobre os movimentos de navios de guerra ocidentais que para caçar animais marítimos. Mas uma coisa não se deveria esquecer, antes de se lançar um excitado alarme: os russos já o fizeram até agora. Foi o governo de Franco (certamente nada suspeito de simpatias comunistas) que há anos garante aos pescadores soviéticos não apenas direitos de abordagem, mas inclusive o direito de construírem uma base de reabastecimento nas ilhas Canárias. Além disso, Portugal era um dos bem poucos países costeiros que lhes negava o direito de entrarem em seus portos. Caso esta proibição seja agora realmente suspensa, isso acabaria numa «normalização» sem maiores alarmes e dentro do previsível. Dificilmente se poderia recusar ao governo esquerdista de Portugal aquilo que os «fascistas»

(Continua na 4.ª página)

A quem serviu a Agro-75?

De um comunicado do MRPP de Braga, extraímos o seguinte:

«Antes do 25 de Abril, a Agro servia para a camarilha fascista de Salazar e Caetano vender ao Povo a sua política para os campos, isto é: mais fome, mais miséria, mais exploração, mais sacrifícios, mais emigração. Não havia nada na Feira que servisse para mudar a situação dos camponeses. Só inutilidades, tractores e máquinas de

centenas de contos, bons para os grandes proprietários, mas só para eles. O Povo vinha à Agro mas voltava tal como tinha vindo. O Povo desprezava a Agro.

Como é a Agro deste ano? Mudou alguma coisa é certo, o essencial, no entanto, é o mesmo. Onde antes estavam os pavilhões dos países imperialistas, os Estados Unidos, a Inglaterra, a França, e outros, estão hoje os países social-imperialistas: a URSS, a Roménia, a Checoslováquia

e a Hungria. Está lá o MFA com fotografias do 25 de Abril e o seu boletim de borla. Vêm os Balets estrangeiros, Folclores da Roménia, quando o Minho tem centenas de Ranchos Folclóricos, o que é uma provocação e um insulto ao nosso Povo.

A Feira mostra bem que não é o Povo Português quem dirige Portugal: são os imperialistas americanos e agora também o social-imperialismo soviético que domina a Feira

(Continua na 4.ª página)

De Rouças

Festa de Santa Marinha

Este ano, uma comissão dinâmica, composta pelos srs. António Domingues, da Vinha de Cima; António Manuel Alves, da Igreja, e Manuel Torres Gonçalves, de Surribas, levaram a efeito uma grandiosa festividade no passado domingo, dia 20 de Julho. Esta foi a primeira mudança: — a festa passou para o domingo mais próximo do dia 18, dia tradicional da festividade em honra de Santa Marinha.

Do programa, além da procissão de velas, no sábado à noite, e missa selene em que foi orador o sr. Padre Arnaldo, de Merufe, houve uma majestosa procissão com figurado.

A banda de música foi a dos Arcos. Ao fim da tarde actuou, com agrado geral, um rancho folclórico das proximidades de Braga e, à noite, houve animado arraial abrilhantado por uma orquestra.

A festa deste ano resultou em cheio, pelo que damos os nossos parabéns à Comissão e a quantos, em França, também trabalharam para o êxito da mesma.

As despesas rondaram os 30 contos. E que ate houve lindas ornamentações na estrada.

*"...e não te esqueças de depositar
o nosso dinheiro que já transferi para aí.
Sem mais saudades para vós.*

Manuel"

Com confiança e segurança, deposite o seu
dinheiro e ajude o progresso do país.
A Caixa Geral de Depósitos assim como toda a banca nacionalizada
está, de facto, ao serviço do trabalhador português.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS



Explicação insuficiente

(Continuação da 1.ª página)

núncia para que um cidadão se veja privado de liberdade, e ainda o consentimento de prisões feitas por particulares, tudo se processando fora da alçada do Ministério da Justiça, faz lembrar antigos modos de agir, que os antifascistas com toda a razão verberaram; a organização de «comités» com funções de substituírem a força representativa dos partidos e em malha tão apertada que possa eficientemente controlar toda a massa populacional, faz recordar o modelo de implantação do socialismo na União Soviética; os saneamentos selvagens, em ritmo vertiginoso, têm feito suspeitar a muitos de que, na maior parte dos casos, do que se trata é de assaltar lugares de comando, acumular vencimentos mais chorudos, subir em categoria profissional mercê de promoções apressadas que talvez uma parcimoniosa administração não aconselhassem, e tudo isto por motivos frequentemente diferentes da falta de competência ou honestidade das vítimas do processo, a progressiva radicalização do movimento revolucionário após o 28 de Setembro e o 11 de Março, com as consequentes depurações, chegaram a levantar suspeitas sobre se aquela radicalização foi efeito ou foi causa das intencionadas referidas ou a reechar; outros factos que, aos olhos da grande maioria, desejosa de que tivesse termo a longa noite fascista, tiveram de ser eliminados por critérios bem diferentes daqueles que, em seu consenso, balizam a democracia e o socialismo, necessariamente a construir no respeito pelas liberdades concretas e legítimas de todos e cada um dos portugueses.

UMA EXPLICAÇÃO QUE NÃO PARECE SUFICIENTE

Um processo revolucionário em profundidade, para mais ambicioso de ser original como se apresentou o português, não seria fácil de levar por diante sem alguns sobressaltos inesperados, sem algumas esperanças não imediatamente atendidas, sem erros a até sem injustiças na concretização de seus aspectos periféricos. Todos os homens, mesmo os melhor intencionados, estão sujeitos a errar, e sempre ficaria ao alcance dos responsáveis repôr a justiça ofendida, quando se viesse a verificar que o fora, em verdade. Tribunais comuns e livres, a poderem funcionar com rapidez, encarregar-se-iam de tal múnus. Assim, muitos dos casos apontados foram interpretados como lapsos inevitáveis, sobre os quais sobre-

viria a correcção ditada pela vontade de instaurar uma democracia e pela coragem de garantir o socialismo e a liberdade em Portugal. Muita coisa se desculpava pela chamada legalidade revolucionária, uma vez que destruir uma ordem existente a fim de a substituir por outra não é tarefa muito fácil em si mesma, nem deixa de encontrar fortes oposições da parte dos até então privilegiados. E embora tal legalidade devesse, por vezes, ser mais objectivamente classificada de anarquia, indisciplina, atrevimento e oportunismo interesseiro, a confiança nas Forças Armadas era suficiente para esperar que, a pouco e pouco, elas exigiriam que tal legalidade se tornasse lei e que a lei fosse cumprida. Muitos milhões de portugueses, que claramente disseram «não» ao comunismo, têm, é certo, receado a coincidência, em conceitos e atitudes, entre o que o Partido Comunista alvitra e aquilo que a seguir se faz ou deixa fazer: sem negarem validade a determinados aspectos do programa do Partido Comunista, o povo português tem, porém, atribuído o resto à incapacidade temporária do MFA para levar tudo a bom termo, como prometeu.

Eis senão quando, tal explicação parece mostrar-se insuficiente. A Comissão Dinamizadora Central do Movimento das Forças Armadas elaborou um documento, destinado a servir de apoio ideológico à dinamização cultural e à acção cívica, intitulado «O que é a Política», o qual, fazendo uma doutrinação insuficiente e demagógica dos conceitos de «Povo», «Democracia» e «Socialismo», acaba por apontar, como casos exemplares de estados em que esses ideais foram conseguidos, nada menos do que a Hungria, a Polónia, a Checoslováquia, a União Soviética, a Alemanha Oriental, a Bulgária, etc.. Tudo países comunistas, onde o socialismo foi imposto por métodos estalinistas, com recurso ao assassinato de milhões de homens. Em face do que, é caso para perguntar se a explicação benévola dada por tantos milhões de portugueses aos factos chocantes ocorridos ao longo deste ano corresponderá à verdade objectiva.

Por minha parte, teimo em crer que a Comissão Dinamizadora Central do MFA não é todo o MFA, e que se nem tudo tem corrido bem é porque não tem sido possível fazer melhor. Porém, a quantos saudámos o 25 de Abril como reabilitação de todo um povo amordaçado, um perigo causa apreensões: que a aliança

Portugal enerva círculos da OTAN

(Continuação da 1.ª página)

espanhóis já praticam há muito tempo. E nem mesmo se poderia levar a mal semelhante atitude.

Muito mais importante é, naturalmente, a questão das futuras relações de Portugal com a OTAN. Por enquanto, pelo menos, acen-tua-se em Lisboa que se manterão estritamente todas as obrigações internacionais. Isso, porém, vale aparentemente apenas para o futuro próximo e não para o futuro mais longínquo. Uma retirada da aliança atlântica ter-se-ia tornado inevitável, mais cedo ou mais tarde, também sem as recentes alterações político-internas de poder. Não apenas os comunistas — que prudentemente fugiram o esse tema em suas declarações públicas — mas também os partidos das esquerdas democráticas empenham-se pela retirada de uma aliança militar que, na sua opinião, se havia coligado com excessiva intemidade com a ditadura salazarista de outrora. A seus olhos, a futura chance de Portugal estaria na associação ao grupo dos países não alinhados e na procura de uma cooperação mais estreita com os países do Terceiro Mundo, aos quais o país certamente pertence muito mais, *por sua estrutura económica e social*, do que ao clube dos países industrializados.

Fritz René Allemann

(Do Jornal Alemão)

Povo-MFA venha a cessar, pela convicção generalizada de que, afinal, o povo português tem de ser comunista à força e de passar a ser um escravo de quem lhe prometeu libertação. A revolução foi feita para eliminar o fascismo.

A. Duarte de Almeida

A quem serviu a Agro-75?

(Continuação da 1.ª página)

deste ano, através do partido traidor que é o P«C»P de Barreirinhas Cunhal, este ano com gente em todo o lado. Os colóquios são feitos para enganar os camponeses, para os convencer que não têm que se levantar contra a fome e a miséria.

Não é na Feira que os camponeses ficam a saber como melhorar a sua vida. Só na aparência a Agro difere das anteriores.

E isso acontece porque a vida dos camponeses não melhorou nada com o 25 de Abril. Até piorou. Continua a fome, a miséria, a exploração e a emigração. E o Governo Provisório e o MFA não querem acabar com isso: Se quisessem não tinham feito uma Agro

como esta. Eles falam muito em Reforma Agrária, mas isso não é para melhorar as condições de vida dos camponeses. É para os poderem explorar ainda mais e melhor. A Reforma Agrária da burguesia, do Governo Provisório, do MFA e do P«C»P do Barreirinhas Cunhal é a reforma do aumento dos preços dos Adubos, os Tractores por centenas de contos, os grandes campos nas mãos dos parasitas.

O Povo não aceita essa «Reforma Agrária». Os camponeses não confiam nem nos fascistas nem nos social-fascistas do P«C»P. Por isso eles dizem que os camponeses são reaccionários: insultam o Povo quando o Povo os corre e os obriga a fugir, como tem acontecido ao MFA em várias aldeias cá do Norte.

A RENASCENÇA

de OLIVEIRA & SILVA, L.da

Rua do Rio do Porto — MELGAÇO

Telef. 42488

Esta casa executa todos os trabalhos de pichelaria, instalações de quartos de banho e cozinha, água quente e fria, assento de mosaicos, ladrilhos, mármore, etc., com a máxima perfeição e rapidez, a preços sem competência e oferece orçamentos grátis.

SEGUROS

- * Acidentes pessoais
- * Acidentes no trabalho
- * Aéreo
- * Agrícola
- * Automóvel
- * Avaria de máquinas
- * Caça
- * Incêndio
- * Inundações
- * Quebra dos vidros
- * Terramotos
- * S. Cristóvão
- * Vida

Trata: Miguel H. G. Pereira

Rua da Calçada — Telefone 42212 — MELGAÇO

Espelhos e Cristais

Vidros para Janelas
Automóveis e Estabelecimentos

TELHAS E TIJOLOS DE VIDRO

Sociedade de Cristais, L.da

Rua do Almada, 25 - PORTO - Tel. 311057

MANUEL ANTÓNIO
RIBEIRO

SOLICITADOR

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Bento Gomes

EMPREITEIRO

Melgaço — Tel. 42113

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Fany

LAVANDARIA E TINTURARIA

(a Casa que Melgaço precisava)

«Lavagens a seco, molhado e tinturaria»

Executa serviços rápidos a preços módicos

na

RUA DO RIO DO PORTO, em MELGAÇO

“A VOZ DE MELGAÇO”

Anual: 60\$00 — Avença - Quinzenário — Estrangeiro: 100\$00; Anão: 140\$00

1 AGOSTO 1975